

# **A ÉTICA DO CUIDADO NUMA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS DO MEIO POPULAR**

NÖRNBERG, Marta – UFRGS / UNILASALLE-RS – martaze@terra.com.br

GT: Educação Popular / n.06

Agência Financiadora: Sem Financiamento

## **Introdução**

Este trabalho resulta de uma investigação que se ocupou em apresentar e materializar a compreensão de ética do cuidado numa instituição que desenvolve atividades de educação com crianças e jovens do meio popular.

A pesquisa caracteriza-se como estudo de caso, resultando de uma descrição analítica do contexto empírico, buscando explicitar e materializar os diferentes entendimentos da ética do cuidado numa instituição de educação, que também tem título de entidade de fins filantrópicos. O objeto de estudo foi desenvolvido na Comunidade Evangélica de Porto Alegre (CEPA), mantenedora do Centro Infantil Eugênia Conte (CIEC), fundado em 1982. O CIEC é lócus privilegiado das atividades de pesquisa, tendo em vista que é entidade de atendimento direto às crianças e jovens. Situa-se na periferia norte da cidade de Porto Alegre, em região com índices significativos de desemprego, violência e baixo desempenho escolar.

A pesquisa foi realizada a partir dos dados oriundos de observações realizadas no cotidiano do CIEC, registradas em diário de campo, bem como da transcrição de entrevistas feitas e da análise documental. As entrevistas foram individuais e seguiram três questões orientadoras, descritas ao longo deste trabalho. Foram entrevistadas duas pessoas vinculadas à mantenedora (presidente e secretário executivo), duas pessoas da direção do CIEC e duas ex-diretoras. Oito educadoras foram entrevistadas, sendo quatro com mais de 15 anos de serviço, duas com dez anos de trabalho e duas com menos de sete anos de trabalho na instituição. Uma voluntária que atua na instituição desde sua fundação também foi entrevistada. A documentação (estatuto, regimento, projeto pedagógico) e documentos históricos (atas, cadernos) foram lidos e analisados, principalmente para entender os princípios e a função institucional.

A reflexão teórica foi realizada desde diferentes perspectivas – a filosófica, a jurídica, a teológica, a pedagógica – , articulada às compreensões sobre a função institucional e o entendimento de cuidado apresentado pelos diferentes sujeitos entrevistados. Para isso, se procurou dizer, contar e entender o que foi dito pelos sujeitos. Tal propósito foi realizado a partir daquilo que tem um fundo emocional,

trazido pelas lembranças, pelos sentimentos e pelas experiências vividas. Para Barbier (1993:187-216), são “*valores últimos, isto é, aquilo que nos liga à vida, aquilo em que investimos mais quanto ao sentido da vida.*” E cada um de nós tem em si esses valores, que são carregados e vividos nas mais diferentes experiências, porque trazem e têm uma emoção como base e orientação.

A análise das falas foi o meio pelo qual se buscou evidenciar os diferentes entendimentos e a materialização da ética do cuidado. A análise compreende o modo como se organizou e se realizou a construção da pesquisa: confrontando o campo empírico e o campo teórico. A análise das falas se inscreve dentro da trilogia da sensibilidade *ecológica*, *ética* e *estética* (BARBIER, 1993). A sensibilidade *ecológica* consiste na compreensão do todo, o que permite perceber de que forma cada um dos sujeitos se integra na globalidade e como se dá o processo de interdependência.

A sensibilidade *ética* apresenta aqueles comportamentos pertinentes e aquelas atitudes justas que trazem em si uma vontade de querer-viver. A ética aparece como elemento perturbador e contestador da moral dominante. Para Maffesoli (1996:25-42), a *moral* está fundada na lógica do *dever-ser*, pois estabelece normas e padrões de comportamentos que norteiam a vida dos indivíduos numa sociedade. A *ética*, por sua vez, é a expressão de *querer-viver* global e irrepreensível porque expressa o desejo de continuidade de um conjunto social e a responsabilidade que se assume em relação a essa continuidade, remetendo ao equilíbrio e à relativização dos diferentes valores que formam um conjunto social. Ela cumpre a função da religação, “*quando o mundo é devolvido a si mesmo, quando vale por si mesmo, que vai se acentuar o que me liga ao outro*” (MAFFESOLI, 1996:27).

A sensibilidade *estética* consiste em achar o que é bom, belo, agradável, confortável. Ela se revela nas minúsculas ações do cotidiano quando, inflamados e eufóricos, os sujeitos vivem atos de alegria. A *estética* é a expressão da felicidade e do gozo, o reconhecimento da beleza que é viver, da beleza que é a vida. Nas palavras de Gonzaguinha, “*viver e não ter a vergonha de ser feliz.*”

Nessa perspectiva, a escuta sensível e multirreferencial aparece como possibilidade de entender e dizer algo sobre o objeto em estudo. O que se deseja é dizer, explicar a partir de um ponto de vista, em confrontação com outros pontos de vista, pois a explicação se faz na explicação, assim como propõe Maturana (1999:38-41). Para Morin (1998: 329-341), é preciso “*comunicar em vez de isolar e separar*”, pois, deste

modo, pode-se reconhecer traços singulares, originais, concebendo a unidade e a multiplicidade de toda realidade estudada.

Nessa lógica, “*uma teoria não é o conhecimento, ela permite o conhecimento*”; ela também “*não é uma chegada, é a possibilidade de uma partida*”; tampouco é a solução, mas a “*possibilidade de tratar um problema*” (Morin, 1998: 335). Mais do que dizer: – assim está bem dito, assim está proposto – a confrontação entre o campo teórico e o campo empírico suscita outros horizontes para aquilo que é contado. É isto que possibilita exercitar a reforma do pensamento: o exercício de considerar a multiplicidade na unidade e a unidade na multiplicidade, experimentando a idéia do *unitas multiplex* (Morin, 1998: 218).

A relativização da rigidez das formas tende a expulsar o rigor. E isso é perigoso, porque “*a rigidez tende a eliminar tudo aquilo que incomoda*” (Ziglio in Rabitti, 1999: xviii). Entretanto, nesta pesquisa, enquanto estudo de caso, se traçou o modo de fazer e de tecer as idéias justamente re-significando tudo aquilo que parece trivial, passageiro, incômodo. São essas “coisas” que se tornam essenciais porque estimulam e dão vigor à pesquisa.

O *cuidado* é apresentado a partir de sua dimensão ético-ontológica, o que possibilita construir uma idéia de ética do cuidado que se torna inteligível a partir de diferentes ações realizadas no cotidiano institucional. A compreensão sobre a origem e o *sentido das instituições* contribui para a análise do fazer cotidiano institucional e a sua relação com os diferentes conceitos e entendimentos de *filantropia*, o que mostra que o fundamento da *ética do cuidado* está no dilema educar-assistir. Tal aspecto é interessante na medida em que as instituições de caráter filantrópico cumprem uma função pedagógica, portanto pública.

### **A ética do cuidado**

O cuidado é o ser da Existência, do *Dasein*, significando o que *está-aí*. O cuidado deve ser entendido num sentido existencial<sup>1</sup>. O *Dasein* evoca o processo de constituição ontológica da pessoa, que é humano e humanidade. O *Da* significa abertura de um ente (o ente humano) para o ser (Sein). O *Dasein* não é algo que já é, nem algo simplesmente dado, mas o poder ser. Através do ente (a pessoa), abre-se o Ser (a

---

<sup>1</sup> Termo da corrente filosófica denominada existencialismo, cuja reflexão filosófica consiste no estudo do homem na sua existência concreta onde ele surge como o arquiteto da sua vida, o construtor do seu próprio destino.

compreensão ôntica e ontológica da existência). Para Heidegger (1999), o cuidado é o solo em que se move toda a interpretação do ser humano, fundamento para qualquer interpretação do humano.

É a partir da condição, do encontrar-se como *ser-aí*, do *estar-lançado* no espaço da mundanidade, que a pessoa constrói o seu modo de ser, a sua existência, a sua história, o seu sentido. O *estar-lançado* no cotidiano do mundo (*ser junto ao mundo*), através da interação com o outro (*o ser-com*), possibilita a compreensão de si mesmo, pois a *pre-sença* se realiza descobrindo, por meio da abertura, da linguagem, revelando-se a si mesma.

O sentido da palavra *estar-lançado*, *caído*, está relacionado com a necessidade de a *pre-sença* inserir-se numa variedade de situações, sejam elas históricas, factuais, relacionais, institucionais. O termo suscita o movimento, a dinâmica própria da *pre-sença* que se faz em difusão. A ação de diluir-se, difundir-se, é própria do *Dasein*, porque o seu modo de estar no mundo se dá através da angústia, que consiste numa disposição afetiva pela qual se revela, à pessoa, o nada absoluto sobre o qual se configura a existência. A disposição sempre revela *como se está*, e, na angústia, se está estranho, porque tudo parece estar fora do que seria naturalmente previsível.

Estar angustiado é estar ocupado e preocupado com o sentido da existência, com o sentido de tudo o que a compõem: o mundo, a vida, o trabalho, a educação, as relações, os sentimentos. Assim, *o angustiar-se abre o mundo como mundo*, possibilitando o sentido da existência que se faz quando o *ser-aí* se descobre *estar-junto-com-o-outro* nos diferentes espaços e tempos do cotidiano. Conseqüentemente, a angústia oferece o solo observável a partir do qual se pode apreender a totalidade originária da *pre-sença*.

O termo *cuidado* é entendido como o próprio ser da existência na sua capacidade de projetar-se a si mesmo e de poder-ser. Ou seja, justamente por estar-lançado, o seu exercício acontece através dos movimentos e projetos que se fazem no cotidiano da vida e das instituições. Palavras como precaução, diligência, carinho, zelo, responsabilidade, servem como descrição adjetivada para uma compreensão ôntica do termo. O termo *dedicação* lembra a qualidade de quem se dedica com abnegação, renunciando aos seus próprios interesses, inclusive os egoísticos. Um ser dedicado é aquele que denota uma afeição profunda pelo ente focado e se reconhece dependente e pertencente ao outro. A partir do cuidado, é possível aproximar-se de uma compreensão acerca do modo como se organiza e vive o ser humano.

Com o pensamento de Maffesoli (1996:77), para quem “*o sensível, enquanto realidade empírica, e o senso comum, enquanto categoria filosófica, tornam a dar gosto à felicidade terrestre*”, a *ética do cuidado* torna-se inteligível na ação do sensível. Há ética do cuidado quando colocamos em alerta e ação os sentidos, sejam os receptores à distância (audição e visão), sejam os receptores de proximidade (olfato, paladar e tato), bem como toda a capacidade de emocionar-se (os sentimentos). Esse modo de entender apresenta o caráter aberto, flexível e transitório sobre o qual construímos o modo de educar e cuidar, o modo de fazer as políticas públicas e, principalmente, o modo de gerir os espaços de interação humana e a própria *relação* humana nas instituições.

### **O sentido das instituições e a aspiração da filantropia**

Esvaziar-se de si mesmo e buscar um sentido para o mundo poderiam ser descrições possíveis para dizer o motivo pelo qual as pessoas constroem o sentido da coletividade. Para Novaski (1991:19), “*a instituição é uma realização humana cujo sentido é co-extensivo à consciência intencional do ser-ao-mundo.*” A instituição cumpre o seu modo de ser em coletividade, por meio do *ser-no-mundo*, que é *ocupação e preocupação*, cuidando do outro, que é plural, complexo e múltiplo em seu *modo de ser-aí*. Essa relação, enquanto fruto da consciência intencional, apresenta o *ser da presença* a partir da dimensão ética de *estar-junto-com*.

Estabelecer uma razão para a instituição passa, necessariamente, por uma busca pelo sentido do *cuidado* como o *ser-no-mundo* da presença. Assim, o cuidado de si mesmo não significa uma atitude especial para consigo porque precede a si mesmo. Podemos dizer que a instituição já traz em si o cuidado e, como tal, *ser presença no mundo* constitui-se no cuidar do outro.

O movimento da institucionalização, na maioria das vezes, não possui o intuito econômico ou o de perseguir, num primeiro momento, um reconhecimento perante o aparato legal. Sabo Paes<sup>2</sup> (1999:27), ao introduzir o tema da origem das instituições, diz:

“A vida, cada vez mais complexa, faz com que seja necessária a conjugação de esforços de vários indivíduos para a consecução de objetivos comuns. Isso porque o homem não encontra em si forças e recursos suficientes para desenvolver sozinho todas as atividades que almeja e assim suprir todas as suas necessidades e as da comunidade em que se insere.”

<sup>2</sup> O autor revisa historicamente o processo de organização civil no Brasil. Sua abordagem abarca aspectos relacionados à influência da religião no Terceiro Setor, como também a participação voluntária de pessoas que se dedicam a causas altruísticas com amor, ética e solidariedade.

A legislação brasileira prevê a possibilidade de se organizar diferentes tipos de instituições. Entre elas, estão as instituições de fins filantrópicos. Num breve recorrido filosófico, a filantropia é apresentada como a “*amizade do homem para com outro homem*” (ABBAGNANO, 1982:419), conforme Aristóteles e os Estóicos, que ligaram esse conceito ao vínculo natural pelo qual toda humanidade constitui um único organismo. Platão concebe a filantropia em três aspectos – a saudação, a ajuda e a hospitalidade – e a significação moderna do termo restringiu-se à ajuda, cuja “*atitude geral de benevolência para com os outros homens hoje é freqüentemente chamada de altruísmo*” (ABBAGNANO, 1982:419).

O termo *altruísmo* foi criado por Comte para se opor ao *egoísmo* e designar a doutrina moral do positivismo. “*Viver para os outros*” é o axioma do Catecismo Positivista de 1852. Para Comte, a ética prescreve pura e simplesmente o sacrifício do indivíduo, insistindo no valor da autoridade estatal (COTRIM, 1998:10).

Mora (1999:129-130) apresenta duas concepções básicas sobre a origem e o entendimento do altruísmo. De acordo com a primeira, o altruísmo está fundado no interesse próprio, e a sua prática é mais benéfica que o egoísmo, porque atender aos interesses da comunidade é atender aos interesses próprios. Ser um altruísta é ser um egoísta *sui generis*. Na segunda concepção, o altruísmo não necessita de nenhuma justificação de caráter individual porque tem a sua própria razão de ser. “*Não é necessário, pois ser um egoísta sui generis, com o fim de ser um altruísta. O utilitarismo não constitui a base do altruísmo, mas sim o contrário*” (1999:130). Entretanto, conforme Mora, o altruísmo de Comte representa o auge da moral moderna da filantropia, que consiste no simples entregar-se ao outro por ser outro, diferente da concepção cristã, segundo a qual não se sacrifica o próprio ser, ou a salvação, pois esta tem uma importância tão fundamental quanto o amor ao próximo. O axioma “*viver para os outros*” do altruísmo, conforme entendido por Comte, é contrário à ética em geral, que entende que “*o homem não deve nunca ser considerado um simples meio, mas deve sempre ter, também, valor de fim*” (ABBAGNANO, 1982:33).

A partir do sentido filosófico: *a amizade do homem para com outro homem*, dada por Aristóteles e os Estóicos; e do sentido moral: *amor ao próximo*, oriundo do cristianismo, o entendimento de filantropia sofre, em Comte, uma transfiguração da sua essência e razão de ser. Comte toma o altruísmo como expressão moderna da moral filantrópica, tornando-a algo separado da vida do sujeito e possibilitando que, ao se processar a institucionalização dos valores em contratos sociais (constituições, códigos,

normas, leis), a filantropia também se torne um preceito administrativo, deixando de fazer sentido enquanto *modo-de-ser-no-mundo* para o sujeito que age. Essa transfiguração é identificada no contexto da instituição pesquisada.

Desde sua fundação, a CEPA-CIEC assumiu que os assuntos da esfera social e política dizem respeito aos evangélicos assim como a qualquer cidadão, indiferente de sua condição religiosa, o que tem conseqüências e implicações em toda a esfera de sua vivência, inclusive física, cultural, social, econômica e política (BOLL & KNORR, 1996:12). Por isso, seu Estatuto social, em seu artigo segundo prevê que desenvolverá atividades de assistência social, educacionais, filantrópicas e culturais, em harmonia com sua finalidade religiosa (CEPA, 1990:1). O processo de inserir-se na vida social acompanhou o crescimento e o movimento da cidade. Primeiramente, acompanhou o movimento migratório de seus membros dentro do espaço do município porto-alegrense. Depois, inseriu-se nas questões sociais que emergiam desse centro urbano, aglutinando cada vez mais pessoas de tradição não luterana. Tal processo é bem explicitado por Alci (secretário executivo):

“A comunidade, ela realmente sendo igreja, ela tem que estar presente justamente nas dificuldades que em cada época tinham. Então, em 1940, o problema era a educação. Então, ela realmente se preocupou em ter a escola, ter o jardim de infância. Nos anos 60, tinha muito a questão da qualificação profissional. Faltavam pessoas, não estavam preparadas. Então ela, através dos centros de assistência social, ajuda na área de preparar pessoas para o mercado de trabalho. Depois, as pessoas estavam preparadas, mas aí a questão familiar... Não tinha onde deixar as crianças. Aí surgiram as creches em outra época, nos anos 70. Então, ela tinha missão nessa área: auxiliar aquelas pessoas, que as crianças pudessem ser bem cuidadas. Só que mais tarde, os empregos já começaram a dificultar, hoje... tem que ajudar no sentido de sustentar as crianças e encontrar outras formas das pessoas poderem encontrar uma oportunidade de trabalho. E a CEPA, a própria situação, levou ela a atuar nessa área. Ela tem que olhar não só a criança, mas a família como um todo. E por isso ela está tentando se adequar.”

Sinteticamente, reconta-se o modo como agiam aqueles que fundaram a comunidade evangélica, o que é bem expresso por Suzete (voluntária), ao dizer que “*é uma característica da igreja, digamos do luterano, se envolver com o social*”.

Suzete (voluntária) rememora as atividades iniciadas por uma senhora da comunidade que, durante 35 anos, dedicou-se às atividades sociais desenvolvidas pela instituição: “*Eu me lembro... A gente ia nas creches, porque se ia dar banho nas crianças, se pesava, se fazia, se trabalhava com as mulheres. Teve um tempo que se ensinava fazer acolchoado e tudo isso...*” Seu relato apresenta a perspectiva de uma ética que se faz na possibilidade de estar junto com o outro, despertando compaixão:

realizam-se tarefas ligadas às necessidades vitais do outro, como dar banho, observar o desenvolvimento físico, ensinar a fazer algo para a sua casa.

A ação desenvolvida e a própria compreensão sobre o que se fazia ocorriam de forma paralela ao que constava no aparato jurídico-legal que se constituía na instituição e na esfera legislativa. A própria Suzete reconhece que as pessoas mudaram a forma de agir a medida em que os processos institucionais foram burocratizando-se: *“Hoje a coisa é mais técnica, tu não pode simplesmente como naquela época. Tu dava banho na criança, não tinha enfermeira. E hoje não. As coisas são mais fiscalizadas e tudo...”* A adequação às novas exigências legais provocou uma ruptura no modo como as mulheres atuavam, pois, segundo Suzete *“as próprias direções, eu acho que foram cortando”*.

A filantropia é entendida aqui a partir das obrigações fiscais que a mantenedora precisa respeitar, o que está presente na fala de Silma (ex-diretora), quando diz: *“a Comunidade Evangélica tinha que manter o serviço social e até porque fazia parte e eles eram isentos daquele INSS e isso eu acho que é até hoje. Eles tinham que ter um trabalho assistencial”*.

O que orienta a ação da instituição é o cumprimento de uma exigência tributária dada pela legislação fiscal. Ser filantrópica é *“ter essa isenção do INSS”*. Ao mesmo tempo, está presente uma motivação que tem seu fundamento na moral religiosa, porque *“como igreja tinha que ter a parte social”*.

Para os sujeitos que atuam na administração da mantenedora, a filantropia *“reúne filosofia, assistência social que se presta, digamos às pessoas necessitadas, às pessoas idosas, às crianças e adolescentes. É dar apoio, auxílio, ajuda, orientação não só material, acho até de evangelização* (LOTHAR, presidente). O termo filantropia é entendido mediante as ações realizadas, que consistem em dar *“apoio, auxílio, ajuda, orientação, não só material, até de evangelização”*. Para Alci (secretário executivo), a filantropia tem um princípio: *“auxiliar as pessoas a encontrar uma saída em suas necessidades momentâneas e alguns até durante toda a sua vida”*. Tem um público usuário específico que são *“as pessoas necessitadas, idosas, crianças e adolescentes”*. A filantropia é entendida como um status recebido pelas entidades que substituem o Estado:

*“surgiram porque era uma missão do governo prestar esse tipo de serviço, mas no fundo quem acabava assumindo esse tipo de serviço, o que o governo não conseguia alcançar, eram as entidades religiosas, que elas ficavam mais próximas, em condições mais próximas de se comunicar com o governo e, automaticamente, relacionar com essa*

população carente ou necessitada, que não conseguia reivindicar seus direitos” (ALCI, secretário executivo).

O sentido ético da filantropia é dado por meio da constatação de que a instituição religiosa está mais próxima do usuário, a população carente, do que propriamente o Estado. O que mostra que as instituições religiosas exercem uma função educativa em relação à constituição de uma esfera democrática ou pública.

Para as educadoras, a filantropia é remetida à relação com as crianças, pois “quando eu pude sair para trabalhar noutra área, eu desisti. As crianças fizeram-me permanecer no trabalho”. (ISOLETE, educadora). A filantropia remete ao *ser-junto-com*, quando é entendida como o ato de “preocupar-se com a pessoa. Fazer com que as pessoas sejam benquistas” (MÁRCIA, educadora). Remete ao sentido do cuidado essencial, da bem-querença e da ternura.

Filantropia é dar-se conta de que “a gente está aqui para defender vidas. Pra que não fiquem na rua, abandonadas” (ELISA, educadora), aludindo a uma compreensão de uma ética que é leiga; por isso, a função de cada pessoa na instituição é a de “trabalhar com amor e dar carinho para as crianças” (MADALENA, educadora). A instituição também é vista como aquela que depende da ação de outros e, por isso, ela é filantrópica, pois depende da boa vontade alheia: “tem ajuda de outros, auxílio de outros que nem essas doações que vem lá do Moinhos” (MADALENA, educadora). Em meio ao cotidiano da instituição, seja nas atividades junto às crianças e aos pais, seja em relação às questões administrativas, “ser isento não importa. Importa é trabalhar com amor e dar carinho para as crianças” (VERA, educadora).

É possível dizer que a filantropia é um corpo estranho, principalmente em seu aspecto legal, mas, de um modo geral, o seu sentido é compreendido a partir do que nomeamos ética do cuidado: o que importa é fazer com e por amor. Essa concepção também está presente no modo como Eli (ex-diretora) fala, pois, para ela, a instituição não é uma empresa, já que o seu propósito é fazer “um trabalho mais humano, sem fazer diferença de cor, raça, se é pobre ou não, se tem melhores condições financeiras. A gente não faz diferença, a gente não quer converter ninguém, mas conviver”.

### **Sobre a ética do cuidado na instituição**

Compreender o sentido das instituições a partir do pensamento de Maturana (1999:23-26) significa reconhecer que “as relações humanas que não estão fundadas no amor (...) não são relações sociais”. Para que as relações construídas e estabelecidas numa instituição possam caracterizar-se como relações sociais, é preciso que suas ações

estejam fundadas na “operacionalidade da aceitação mútua”, o que implica na “aceitação do outro como um legítimo outro na convivência”, porque “comunidades humanas fundadas em emoções que não são o da colaboração e do compartilhamento, não são comunidades sociais” (p.26).

Os diferentes entendimentos sobre a *ética do cuidado* e a tentativa de explicitá-los na instituição é orientado pelas idéias de Maffesoli (1996:25-42). Por causa das minúsculas práticas que formam o cotidiano, “a vida pode ser considerada uma obra de arte”, um tecido mesclado de poesia e prosa, porque nela estão e são expressas as emoções coletivas, constituindo “uma verdadeira centralidade subterrânea, um irreprimível querer viver”.

Para explicitar os “quereres-viver” inclusos na ética do cuidado nessa instituição, foram propostas as seguintes perguntas, que orientaram as entrevistas:

*Para que serve a instituição, qual a sua função? Como a ética do cuidado aparece no dia a dia desta entidade que é filantrópica?*

A ética do cuidado está na tensão educar-assistir, onde educar é cuidar e assistir é cuidar. A análise das falas buscou compreender se o sentido do cuidado está (1) no educar, (2) no assistir, (3) na tensão educar-assistir ou (4) se aparece de modo indistinto. Ao mesmo tempo, viu-se onde o sentido ético se apresenta: (1) na natureza religiosa, 2) na natureza filantrópica ou (3) em ambas, apresentando outras possibilidades de compreensão.

Para as educadoras, o cuidado está no educar, na medida em que aparece como elemento mais sério, que denota mais atenção, que tem um lugar mais assegurado, fruto de uma perspectiva mais ordenada e planejada da educação, pois a entidade “*serve pra cuidar para que os pais trabalhem, para educar, para formar cidadão*” (ISOLETE, educadora). Sua atividade educativa consiste em “*fazer um trabalho pedagógico com a criança, de estimulação, ensino de princípios morais. Todo um trabalho, quase como uma pré-alfabetização com letras, números*” (MÁRCIA, educadora). Desse modo, é no educar que se inscreve, da melhor forma, a possibilidade da civilidade, da cidadania, da humanização, do desenvolvimento profissional: “*Para mim a creche serve para acolher, pra ensinar, passar algo de bom para elas para o futuro. Para os maiores... não fiquem na rua, aprendam aqui, para serem responsáveis*” (SILVIA, educadora).

Por outro lado, o cuidado está no assistir e é entendido como um elemento essencial, impossível de ser desconectado, desconsiderado. Afinal, no assistir estão inscritas as necessidades mais básicas e elementares para a existência e a manutenção de

um corpo humano em seu estado saudável e de bem-estar. Essa compreensão está presente quando os sujeitos assim expressam: *“A função, que eu acredito que seja da entidade, é ter um lugar seguro para que os pais possam deixar as crianças para trabalhar”* (MÁRCIA, educadora). *“Atender as crianças pobres, carentes que de repente estão passando trabalho na rua ou em casa. E se tão aqui, tão bem cuidadas”* (LEONITA, educadora).

Esse assistir remete ao que o aparato legal sobre a filantropia preconiza no que diz respeito ao público usuário, pois o cuidado aqui desenvolvido deve *“atender as crianças necessitadas”* (MADALENA, educadora). Esse mesmo assistir é caracterizado a partir das ações de proteção, porque a instituição deve ser um lugar para *“que as crianças estejam bem protegidas”*, já que *“às vezes acontecem coisas em casa e aqui está mais protegida”* (MADALELA, educadora). A partir desse modo de compreender a função da instituição, pode-se depreender a idéia de que a instituição possui melhores condições de cuidar do outro, pois, como a própria Madalela diz, a instituição quer *“o bem das crianças”*. E aí aparece o princípio ético que está na base da filantropia: *o amor à humanidade, a amizade de um homem para com outro homem*.

O cuidado é entendido na tensão educar-assistir, na perspectiva de Elisa (educadora), para quem *“o trabalho em si é cuidar, educar, dar um ambiente melhor para um momento de lazer, ter as fantasias deles, aprender a dividir, ser companheiro, amigo, mais ou menos isto”*. Mas, mesmo que esteja na tensão, ainda está direcionado para o educar, porque *“o educar é o principal”* (ELISA, educadora).

O cuidado também aparece de modo indistinto quando a função institucional é assim entendida: *“eu acho que é pra cuidar da criança. Cuidar, ensinar. E ajudá também... Proteger, dar carinho. Acho que tudo isso”* (MARISE, educadora). Mesmo que seja apresentado de modo indistinto - *“é cuidar da criança. Ao mesmo tempo educar. Alimentar. Cuidar. Tudo junto. Enquanto os pais trabalham, eu acho. Ensinando...”* (VERA, educadora) -, o cuidado aparece mais voltado para o modo-de-cuidar-educar.

De modo indistinto, ganhando ainda uma outra conotação, o cuidado aparece na garantia de ter um trabalho, pois a função da instituição *“serve pra dá oportunidade de emprego para as pessoas. Se não fosse isso, eu não estaria trabalhando. Talvez não como atendente de creche”* (LEONITA, educadora). Essa concepção também é perceptível quando se caracteriza o cuidado da seguinte forma: *“trabalho que a gente realiza de cuidar e proteger, enquanto os pais trabalham”* (MÁRCIA, educadora), ou

seja, o cuidado aqui também se apresenta como a possibilidade que permite que os pais possam trabalhar.

É importante verificar como o cuidado é entendido pelas mulheres que administram a instituição. Para elas, a sua função é *“atendimento às crianças. Às vezes é atendimento às crianças desassistidas da sociedade”* (ELSI, diretora); serve para *“deixar o filho porque você tem que trabalhar”* (SERLENE, vice-diretora), denotando o sentido do assistir. Essa mesma visão é questionada por Serlene, quando diz que *“a gente tá trabalhando para que mude essa visão. Que a entidade não seja um depósito e sim que tem um objetivo: assistir a criança, educar ela, assistir, cuidar. Fazer educação infantil”*. A fala de Serlene está na tensão educar-assistir e nela também está implícita uma dupla funcionalidade. Primeiro, a de garantir segurança, nutrição. A ela, pode-se agregar o afeto, a poesia, o lúdico a partir do relato de Elsi, quando fala sobre o atendimento como *“global, de cuidado, de educação, alimentação, de aprendizagem, de desenvolvimento das capacidades que eles tem para desenvolver, tanto na arte como na... em todas as áreas”*. A segunda diz respeito ao fato de promover um dever-ser, que se faz através das diferentes atividades educativas, caracterizadas como oficinas e trabalho educativo, ambas vinculadas à perspectiva futura, perspectiva reafirmada por Elsi:

*“aqui como são atendidas as crianças de zero até um pouco maiores também, esse atendimento que se dá, por exemplo, para as crianças um pouco maiores, que meio turno estão na escola e outro meio turno permanecem aqui. A gente tem essa preocupação de oferecer oficinas para eles interagirem, trabalharem e aprenderem algumas coisas a mais e assim, como vou te dizer, para que eles não se voltem para outras coisas que podem ser maléficas para eles”*.

A ocupação e preocupação com este modo de fazer institucional estão presentes nos aspectos que compõem aquilo que orienta o educar e o assistir oferecido para ambos os grupos atendidos na instituição. Para cada um dos grupos atendidos, as compreensões e as ações são diferentes: *“Os maiores estão entrando na adolescência e eles precisam ter um lugar que se sintam bem acolhidos e que eles tenham afazeres. E os pequenos... a gente também tem cuidado da educação, na alimentação, na aprendizagem”* (ELSI, diretora). Para os alunos maiores, o modo de cuidar-educar é caracterizado pela necessidade de oferecer uma perspectiva, o que ocorre a partir do acolhimento e do ensino. Para os menores, o modo de cuidar está mais bem incluso no assistir, que aparece ao lado do educar.

Quando Suzete, Elisa, Silvia e as outras educadoras buscam o sentido originário das ações que estão na base da Instituição, sejam elas expressas por palavras como *amor*

*ao próximo, diaconia, missão evangélica, cuidado do outro, tudo pelas crianças* se faz presente o movimento do comunitário que, através do *era uma vez* ou do *antigamente era assim*, apresentam a idéia do contorno antropológico, cujo objetivo é produzir uma ação que permite uma compreensão tanto pelo interior quanto pelo exterior (BALANDIER: 1997:9-20).

Na instituição, pode-se dizer que as relações do cotidiano são movidas por uma *força imaginal ou espiritual* (MAFFESOLI, 1997:29-43), que é composta de sonhos, desejos, afetos vividos e sentidos, fazendo com que a ação política seja re-configurada para uma perspectiva onde a gestão institucional se faz na vontade de querer estar-junto. As recordações ou o movimento do *era uma vez* exerce uma força que torna possível que a comunidade sempre de novo retorne aos sentimentos, à paixão comum que a orientava e a organizava em sua origem. O movimento do *era uma vez* também apresenta a idéia de uma socialidade em gestação e de uma gestão institucional que se faz através de diferentes afinidades eletivas.

A socialidade traz em si a potência daquele que molda hábitos e costumes no dia-a-dia. E mesmo que, por algum tempo, determinados hábitos e costumes fiquem suspensos, eles retornam por causa do *nós fusional*, a comunidade. A comunidade, por ser a compreensão de diferentes coletividades que se fundem e se confundem no cotidiano de suas relações, é movida por um apego passional ou afetivo, tornando possível que a humanização se dê de modo interconectado e vinculado ao que é habitual. Essa percepção rompe com a idéia de progresso e do dever-ser, pois reapresenta a constituição de uma comunidade que se faz a partir do óbvio, do trivial, da existência em seu estado de origem, o que remete à noção de transfiguração do político, pois nas percepções analisadas está a preocupação com elementos da existência que precisam ser reorganizados na ação educativa a partir de um *modo-de-fazer* que seja marcado pelo cuidado do outro.

Mas o que é o político? Para Maffesoli (1997: 268), o político “*em seu aspecto universal, normativo, racional e contratual, cede lugar ao ‘doméstico’, no que este tem de particular, de libertário, de imaginário e de afetual*”. Essa compreensão é o que Maffesoli (1997:29-43) chama de o duplo do político, pois revela a sua face obscura, da paixão, da emoção comum em querer viver junto. É por causa da força do político que há uma pulsão para entregar-se ao outro, de diferentes formas.

Suzete (voluntária) explicita essa compreensão quando fala do pouco envolvimento das pessoas voluntárias nas atividades do CIEC, que, cada vez menos

interagem com o cotidiano, pois o que a administração espera é o apoio financeiro: “*isso não estimula ninguém a trabalhar porque não tem um retorno. Tu tem que criar um sentimento de alguma coisa*”. Seu relato mostra que não basta contribuir monetariamente, remetendo ao querer estar-junto: “*tem diferença o fator desencadeante, os propósitos. No momento que tu vai fazer tu é responsável. Essa diferença é que vale*” (SUZETE, voluntária).

No político, também está inscrita a perspectiva religiosa, o *religare*. Fazer gestão é fazer *gestão das paixões*, e essa parece ser a base e a ação da política. Nessa perspectiva, a política denota a necessidade de se organizar em torno de uma *imagem comum*, sempre retomando a necessidade que as pessoas têm de colocarem-se em estado de *religação*, a pulsão que leva a procurar, a reunir-se, a entregar-se ao outro. A *imagem comum* aludida pelos sujeitos da pesquisa é a do cuidado que acompanha, ou seja, o seu modo de gestão acontece através do estar-junto-com, através da proximidade. Por isso, eles reivindicam ações triviais como “*vir na minha sala conversá*” (MÁRCIA, educadora). Esse tipo de percepção denota uma compreensão do cuidado, segundo a qual sua ação política busca congregar, religar, manter em sintonia o todo em suas múltiplas partes, principalmente as triviais e óbvias do cotidiano institucional.

### **Anotações finais**

A ética do cuidado nessa instituição aparece e se materializa de modo complexo. Sua gestão acontece no afrontamento, no contraditório, no inverso, mas, também, na imbricação, na complementaridade. O ponto de equilíbrio está na tensão desses diferentes entendimentos. Dito de um outro modo, o ponto de equilíbrio está tanto na interação como na intervenção, pois ambas são necessárias para que o ser humano possa prover e garantir a sua existência. Pode-se concluir, assim, que o modo de assistir é cuidar e está relacionado à interação, e o modo de educar é cuidar e está imbricado na intervenção.

As descrições sobre o cuidado e a função da instituição aqui apresentada remontam à percepção de que, neste contexto, há a explicitação de um “*estar-junto grupal que privilegia o todo em relação aos seus diversos componentes*”. (MAFFESOLI, 1997:195) A força do sentimento e da agregação ganha expressão, tornando-se o cimento sobre o qual todas as demais ações do cotidiano institucional se organizam e se movimentam. A pesquisa mostra que a percepção de que o *estar-aí* só se faz porque já não é um *estar-aí* por ele mesmo, mas é dado através da relação com os

outros, fomentando um sentimento de adesão e formação do estar-junto comunitário, função política da instituição, portanto pública. Perspectiva que apresenta a vontade que se dedica a unir porque há um elemento de atração entre cada um dos componentes que circulam na Instituição. E essa mesma força de adesão é a dimensão em perdição no que se refere ao entendimento da filantropia.

A *ética do cuidado* se forma a partir de uma prática de co-gestão nas relações educativas, políticas e administrativas, pois aceita a temporalidade da qual o ser humano provém e na qual ele está imerso, caído. A partir das reflexões apresentadas, as compreensões sobre o *cuidado* possibilitam resgatar as dimensões relacionadas à finalidade da instituição educativa em nossa existência, aproximando-nos do que constitui o sentido da vida numa sociedade democrática. Para tanto, há que se apostar na força da coletividade e reconhecer que os impulsos emotivos provocam giros e reversões no curso e no percurso idealizado, afeiçoando o cotidiano das instituições com outras formas e outras cores.

### Referências bibliográficas

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo, Martins Fontes, 1982.
- BARBIER, R. *A escuta sensível em educação*. **Cadernos da ANPED**, Porto Alegre: n.5, p. 187-216, 1993.
- BALANDIER, G. **O Contorno**. Poder e Modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1997.
- BOLL, G.; KNORR, I. K. (Orgs.). **Mosaico Vivo**. Vidas que edificam comunidade. Porto Alegre: CEPA, 1998.
- CEPA. **Estatuto da Comunidade Evangélica de Porto Alegre**. Porto Alegre:1990.
- \_\_\_\_\_ - Centro Infantil Eugênia Conte. **Regimento**. Porto Alegre: 1998.
- COTRIM, G. **História e reflexão**; mundo contemporâneo e Brasil república. 9ed. São Paulo: Saraiva, 1998.
- FERNANDES, R. C.. **Privado porém Público**. O Terceiro Setor na América Latina. 2.ed.. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.2v.
- MAFFESOLI, M. **A transfiguração do político**: a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 1997.

\_\_\_\_\_. **No fundo das aparências.** Petrópolis: Vozes, 1996.

MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

\_\_\_\_\_. **Emoções e linguagem na Educação e na Política.** 1. reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MORIN, E. **Ciência com consciência.** 2ed. Rio Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

MORA, F. J. **Dicionário de filosofia.** 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NOVASKI, A. J. C. *Historicidade e Instituições Humanas.* **Pro-Posições**, São Paulo: UNICAMP, n.4, p.16-52, abr.1991.

PAES, J. E. S. **Fundações e Entidades de Interesse Social** – Aspectos Jurídicos, Administrativos, Contábeis e Tributários. Brasília: Brasília Jurídica, 1999.

ZIGLIO, C. *Prefácio.* In: RABITTI, G. **À procura da dimensão perdida:** Uma escola de Infância de Reggio Emilia. Porto Alegre: Artmed, 1999.